

Dá pra enterrar o passado. Até ele ligar. A cobrar.

O clima não se comporta mais. O regime também não. Alaska Rainmaker também não. Ela percorre estradas secundárias como caçadora de recompensas — de moto, com laço e com um "espírito do relâmpago" que não a deixa descansar.

Alaska e o pai detetive se unem — primeiro a contragosto, depois por inteiro — com a ajuda do robô parceiro em busca de liberdade, para caçar um predador que usa as máscaras dos serial killers mais notórios da história. Eles mergulham nas correntes culturais e políticas em mutação dos Estados Unidos, ao lado de uma família escolhida de desajustados que se recusam a ser achatados: podcasters e revolucionários, cosplayers e músicos, avós e policiais da velha guarda, curadores de museu e aficionados por fetiche — amantes que não conseguem largar um ao outro.

Conforme o caso os leva mais fundo no labirinto, feridas antigas e uma escuridão ainda mais antiga começam a parecer a mesma coisa. Alaska segue os fios das histórias ancestrais, o que a coloca em choque com a necessidade do pai de provas concretas. Isto é, até a linha entre as duas deixar de ser tão nítida.

Combinando memória ancestral, estética cyberpunk, crime, romance e ficção climática, Maskwa é o futurismo indígena em sua forma mais visceral. É uma história de medicina do urso e profecias do arco-íris, de família escolhida e identidades que mudam de forma, e de criar coragem no crepúsculo do império, onde a luta por sobrevivência e justiça se revela, no fundo — a luta para lembrar o que nunca deixamos de ser: parentes.

"Premissa incrivelmente única e atual, que parece algo que o público nunca viu antes."
— The Black List

www.Divergencies.com

Para leitores adultos · 18+

As rebeldes

As pessoas estavam calmas do jeito que um pavio aceso é calmo.

Disco Inferno de The Trammps estalou no ar — sacudindo as paredes de concreto de um ateliê de arte, respingadas de tinta e resíduo de fumaça. No fundo do espaço, Gemini Moon balançava no ritmo, curvada sobre um cartaz de protesto. O chiado agudo e químico do spray inundou a sala enquanto ela borrifava um rosa violento pela tela empenada:

NO PLANET B!
POINT! BLANK! PERIOD!

Gemini era um peixe fora d'água, de pele azul-clara que brilhava como o interior de uma concha de abalone. Os olhos de cores diferentes cintilavam como os da prima estelar, há muito perdida, de David Bowie, o rosto riscado de tinta de protesto roxa e amarela, e longos dreadlocks laranja de algas se emaranhavam sob uma cartola branca que era sua marca registrada.

Um apito de osso de dez centímetros, com faixas de ouro e incrustações de madrepérola, pendia do pescoço dela. No moletom, os personagens de *Vila Sésamo* posavam sob uma faixa que dizia:

THE RESISTANCE

Ela ergueu o cartaz, estalou a língua nos dentes. — Gostou?

Lucia Sky, hipnotizada pelos passos de dança, sorriu para o cartaz, com os lábios em volta de um baseado que não devia fumar ali dentro. *Não era rebelião se você não peitasse o sistema nem quebrasse umas regras.*

Ela parecia um motim embrulhado em glam punk — kilt xadrez curto, mangas de redinha, coturnos arranhados que gritavam: "Vem, babe." Tinha o detector de papo furado afiado de uma gata de beco vivida. Se uma variedade de erva levasse o nome dela, seria *Truth Serum* ou *Não chega perto se não quer o smoke.*

Lucia se aproximou dançando e passou o baseado para Rachel Lamont, com aquela atitude de espresso duplo e tudo, que deu uma tragada longa, de quem sabe o que faz. O ardor mordeu o fundo da garganta — ela rebolou e fez joinha. A boina vermelho-escuro de Rachel ficava inclinada sobre a testa, desafiando a gravidade a tentar, e ela puxou o celular, ajustando a localização e o app de vigilância externa para *Not Today!*

Ela ajustou o foco do celular e tirou uma selfie em grupo — sorrindo, de olhos brilhando — e gritou por cima da música: — Vocês sabem que eu tenho que falar isso.

Lucia gemeu. — Ai, não, começou. *Gurl. Wepa*, lá vamos nós.

— Pontual como sempre — Gemini articulou só com os lábios.

Rachel puxou o ar, balançando os ombros, e soltou as falas como um manifesto. — Mais do que eu amo o planeta. Mais do que *j'adore la vie*. Mais do que a *crème brûlée de ma mère*. Até mais do que eu gosto de vinho tinto às quartas, não tem duas pessoas com quem eu preferiria invadir a Bastilha além de vocês duas, *chéries*.

Ela devolveu o baseado para Lucia, que pegou e tragou fundo, até a barriga.

Lucia soltou a fumaça e revirou os olhos. — Você nunca contou o que rolou de verdade nessa história da Bastilha. Desembucha.

O improviso de Rachel virou sermão. — Bom. Meus ancestrais franceses invadiram a fortaleza e venderam os escombros nas feiras. E com isso, *La Révolution commença*.

Lucia emendou. — Eles venderam? Rachel. *Gurl*. Rachel. Derrubaram a cadeia e fizeram merch? Isso é — tá. Então é um drop. Um drop limitado. Liberdade, mas em versão collab. Tinha alguém naquela multidão, né, todo mundo gritando, o rei sei lá o quê, e esse cara só — "não, tô de boa, vou pegar um tijolo". Porque ele sabia. Sabia que ia ter uma garota em mil oitocentos e sei lá quanto pagando o aluguel por isso. "Isso é escombro de verdade?" "Ah, esse é da torre, madame." É de uma calçada. Então autentica aí. Cadê a etiqueta. Cadê o cartãozinho. Viu — foi assim que te pegaram. Duzentos anos depois e eu sou a que quer o tijolo.

Gemini ergueu o cartaz no ar espesso e empoeirado. — *La Révolution* funciona pra mim.

Totalmente alinhadas. Lucia apagou o que sobrou da erva num cinzeiro de cerâmica em forma de sereia rodopiante.

Rachel já enfiava máscaras de gás na ecobag, junto com uma filmadora, uma pilha de cartazes de protesto compactos, adesivos e inibidores de drones ilegais.

Gemini levou o apito aos lábios e soprou.

Vamos.

Elas saíram deslizando da galeria e montaram nos patinetes como *brujas* em vassouras de prata. Ajustaram as caixas de som presas atrás, aumentaram o volume de *Can't Hold Us de Macklemore & Ryan Lewis* — e partiram cantando em playback as palavras que sabiam de cor.

Revolução precisa de beats. Check.

Elas cortaram a cidade como se voassem nas asas de um presságio: passaram por casas de macarrão coreano iluminadas por LED e confessionários de IA fechados, por drones de vigilância piscando em espiral pelo céu, por pedestres corcundas enterrados nas telas, com guarda-chuvas empoeirados na mão, por um bando errante de coiotes e por robôs de entrega rolando com gorros de Papai Noel e enfeitados com pisca-piscas em forma de pingentes de gelo. *Ninguém perguntou o que a gente preferia.*

À frente delas, um vento surgiu do nada, trazendo uma tempestade de poeira que ricocheteava nos prédios espelhados como um espírito invocado pelo próprio protesto.

As três amigas não diminuíram o ritmo e entraram direto na tempestade.

Como todo mundo, estavam acostumadas à poeira. O gosto insípido e o cheiro acre tinham virado um corta-barato quase diário, empastando a boca, os olhos e o cabelo — e tudo mais.

Hoje em dia, a poeira era o *opp* de todo mundo.

A caçadora de recompensas

A solitária rodovia do deserto fervia sob um sol que tinha parado de fingir misericórdia, e uma miragem de calor descascava do asfalto em redemoinhos lentos e famintos. Um coiote parou à beira da estrada, de orelhas em pé e narinas dilatadas, sentindo um intruso indesejado — um rosnado de engrenagens subindo ao longe, mecânico e predador.

Uma moto preta com sidecar rasgou a névoa, o motor deixando um rastro de calor e fumaça espessa como diesel, e as caixas de som presas na carenagem cuspindo *Gone Surfing de Sixteen Wheelers.* A figura solitária ao guidão vestia armadura à prova de poeira, uma bandana e um capacete retrô arranhado. Uma insígnia tribal de garra de urso, vermelha e dourada, reluzia nas costas da jaqueta de couro rachada.

Na plataforma do sidecar, um homem se agachava — o rosto enterrado atrás de óculos antigos de motociclista, a camisa rasgada e os pulsos amarrados com corda curtida pelo sol. Queimado, ele se contorcia no calor, mas estava atento o bastante para não reclamar com alguém que claramente não tinha cabeça para conversa fiada.

A figura avistou um posto de concreto surgindo no horizonte. Ficava sozinho e meio escondido no deserto, cercado de arame farpado e barracas militares arriadas. No teto, uma torreta de segurança girava. A câmera deu zoom, travou e seguiu quem pilotava, que reduziu e desligou o motor enquanto a poeira se enrolava nas rodas como anéis de fumaça.

Desmontou, tirou o capacete e a bandana e revelou maçãs do rosto marcadas e curtidas, um corte Skrillex assimétrico e um único brinco de pena.

Os olhos dela. Aqueles olhos — presa caçada que não se dobrava, não sangrava, não quebrava fácil.

A torreta já tinha a ficha dela — o scanner leu o rosto, depois o chip de identificação — obrigatório pela Lei de Poderes de Emergência. Deu um bipe, e o perfil dela apareceu na tela:

ALASKA RAINMAKER – Bounty Hunter #11.16.85

A porta se abriu, e Alaska arrancou a carga do sidecar como se fosse um pedaço de carne de açougue, arrastando-o até a entrada. Antes de entrar, apontou a chave por cima do ombro e apertou um botão. A moto sacudiu, e o sidecar se dobrou como uma sanfona, colando-se ao chassi e travando no lugar com um *clac* metálico.

Alaska entrou e bateu num muro de ar viciado, grosso de cigarro e sovaco, preso pelo *arfar* penoso de um ar-condicionado rangente pendurado na única janela da sala.

Caçadores de recompensas vadiavam feito lagartixas ao sol em volta de uma mesa de madeira entulhada de baralhos gordurosos, cinzeiros pela metade e sanduíches do dia anterior. Alaska conhecia e cumprimentava com a cabeça a maior parte do pessoal que passava pelo posto, pelos traços marcantes: o cara de chapéu de cowboy com a cicatriz na garganta, o sujeito cujas corridas em tempestades de poeira moravam no pulmão que lhe restava e o trambiqueiro caolho cujo doberman adestrado dormia aos pés dele.

Passou pelo novato de sorriso colado, surrupiou uma batata frita murcha da bandeja dele e mastigou sem se dar ao trabalho de olhar para baixo. O garoto metido cujo lóbulo ela tinha arrancado a mordidas por passar a mão nela puxou a cadeira para trás. Ignorou os bots caçadores de recompensas que ela tinha visto travar ou tombar na primeira briga.

Rudolph the Red-Nosed Reindeer de Dean Martin tocava num alto-falante solitário que já tinha visto décadas melhores.

Alaska levou a captura até uma máquina de vidro fumê, do chão ao teto — o bling-bot, como os caçadores de recompensas a chamavam — que tinha todo o calor de uma armadilha de aço para tubarões.

Os dedos dela apertaram um botão.

Um braço robótico se desdobrou, com óculos acoplados no lugar onde estaria a mão, se ele tivesse uma.

— Olhos abertos.

O prisioneiro se abaixou e então se lançou, dando uma cabeçada nos óculos e jogando o corpo contra Alaska.

Péssima ideia.

Alaska o girou como um boneco bêbado e o prensou contra a parede lateral. O punho dela recuou, mas tremeu, e um tremor sutil subiu pelo braço. Ela cerrou a mão, esfregando o polegar no indicador antes que o tremor pudesse virar uma convulsão de verdade.

Os olhos dele dispararam para a porta, mas ela percebeu, o agarrou pelo cabelo e forçou o rosto dele na direção dos óculos. Mesmo assim, ele espremeu os olhos como uma criança. *Eu não te vejo, logo você não me vê.*

O tremor de Alaska agora já tinha subido pelos braços e ombros.

Ela se preparou.

Estendeu a mão por trás do prisioneiro.

Agarrou o saco dele num aperto castigador.

Apertou.

— Abre-te, Sésamo. Ordem minha.

Ele grunhiu, e as pálpebras se abriram de estalo.

A voz do bot latiu:

BILL PERKINS – Violência Doméstica e Estupro

Uma luz verde apitou e piscou acima de uma saída lateral, que deslizou e se abriu. Sem desatar a corda, Alaska empurrou o prisioneiro para dentro, e a porta bateu, levando consigo o homem e o futuro amarrado dele.

Acima da porta, um letreiro digital de recompensa rolou na tela:

US$ 2.192,58.

O número pousou.

— Mão de vaca — Alaska bufou, passando o dispositivo de pulso pelo letreiro. O valor zerou, e o braço do bot se recolheu pela fenda como um caixa de banco entediado.

Alaska recuou… o corpo agora tremendo por inteiro… encostou num pilar frio… tirou da bolsinha do cinto um frasco de comprimidos bem gasto… engoliu um a seco.

Respiração.

Desacelerando.

Membro por membro.

O corpo se acalmou.

Os dentes continuaram cerrados enquanto o olhar dela vagava até o quadro de avisos dos Mais Procurados, entulhado de rostos — alguns monstruosos, outros nem tanto — ao lado de cartazes de bots rebeldes soltos. *Só humanos AWOL — mais fáceis de pegar, pagam melhor.* Então ela se desencostou do pilar, arrancou do quadro algumas recompensas novas e enfiou debaixo do braço.

Pela janela, um redemoinho lento de poeira se formava ao longe.

Hora de vazar.

Ela olhou para a televisão piscante no canto. O volume estava baixo, mas o rosto de quem apresentava o telejornal ocupava a tela — liso, polido. A mesma expressão de um protetor de tela.

— Em notícias nacionais, com o derretimento do iceberg A-78, as evacuações continuam nas Florida Keys e no condado de Dade à medida que o nível do mar sobe, e o furacão Harry varre as Carolinas. Enquanto isso, a seca e a onda de calor persistem no Meio-Oeste. Idosos são aconselhados a ficar em casa. A temporada de incêndios continua no sudoeste, no oeste e em partes do noroeste. Em outras notícias, as passagens de fronteira por Tijuana e Buffalo reabriram momentaneamente — apenas mercadorias e veículos autorizados. E agora, vamos ao esporte. Os Blackhawks derrotaram os Rangers por 2 a 1…

Alaska guardou aquilo e saiu sem cerimônia.

O protesto

A imagem da apresentadora se ampliou e revelou uma parede de televisores na vitrine de uma loja da cidade — todos mostrando as mesmas manchetes e a mesma apresentadora, com o mesmo sorriso perfeito até o último pixel.

Na calçada, um único manifestante, o rosto coberto por uma balaclava, enfiou a mão na mochila e tirou um coquetel molotov.

Acendeu o pavio.

Arremessou.

Crash.

O coquetel explodiu pela vitrine como o sopro de um dragão, e todas as telas estouraram em uníssono, depois silenciaram. O manifestante girou e saiu correndo. Estampada nas costas da jaqueta dele, uma Arca de Noé cheia de animais, com a legenda:

OLIGARCH – FREE ZONE

Mais fundo no coração da cidade e nas ruas ao redor, multidões irromperam quando milhares de manifestantes se chocaram numa roda punk furiosa — ferozes como deuses antigos, emputecidos e de saco cheio. O calor crescente do planeta morava nos olhos deles, que ardiam de suor e de uma raiva com cheiro de cortisol gasto.

Corpos lotavam as ruas laterais — alguns marchando, outros deitados de costas, com slogans laranja pintados no peito:

OIL IS CRUDE
LOVE IS LOVE
STOP THE MASS EXTINCTION
JUSTICE IS PEACE

Uma baleia inflável gigante flutuava no alto, presa por cordas a uma dúzia de punhos erguidos. As palavras brilhavam na barriga dela:

SAVE THE OCEANS – SAVE OUR HOME

Em meio à fumaça e aos corpos, um borrão verde fosforescente cortava as barricadas num skate elétrico — capa estalando, botas de glitter faiscando na luz. Captain Climate Change, uma fada de humor mercurial, se movia como alguém que tinha respirado o caos inteiro, sumindo antes que qualquer um pudesse rastreá-la.

Sirenes distantes gritavam como chacais famintos sobre o horizonte, enquanto helicópteros da polícia circulavam baixo e drones de segurança zuniam entre os prédios como vespas mecânicas.

A prefeitura se erguia, cercada de barricadas.

Manifestantes inundavam as escadarias vindos de todos os becos — um grupo puxava um reboque plano carregado de caixas de som do tamanho de geladeiras, que estouravam *Riot de Three Days Grace*. Outros se infiltravam na multidão em pleno deboche de carnaval — palhaços, fadas, avatares de anime, sapos infláveis.

Na beirada, Gemini Moon estava sob um toldo manchado de ferrugem que lhe dava um abrigo momentâneo. Entregou máscaras de gás improvisadas a Lucia e Rachel — uma a uma.

Rachel ajustou a filmadora retrô presa ao colete tático e a ligou.

Allons-y.

A luz vermelha piscou, pronta.

— Tamo ao vivo no protesto "A Água é um Direito Humano" — anunciou Rachel, focando a lente. — E aí, Gem?

A câmera encontrou o rosto de Gemini, pintado para o protesto. — Tá tudo conectado. Se cura. Cura a Terra. Cura o futuro.

— Fala, irmã! — gritou Lucia, fora do enquadramento.

Os olhos de Gemini queimaram através da lente. — Fode com a nossa Terra e a nossa Terra fode você — *no caps*.

Lucia entrou no quadro, outro baseado equilibrado entre os lábios, o bloqueador a laser já na mão. — É tudo um só levante.

Rachel assentiu atrás da câmera.

Lucia se endireitou, mais alta. — Porque — tá, olha, olha pra mim. Olha pra mim. Eles querem que você escolha uma. Né? Eles adoram isso. "Qual é a sua causa?" Qual é a minha — eu não tenho causa, eu tenho um proprietário. O mesmo cara. É o mesmo cara, gurl. O cara que tá envenenando a água é o cara que cortou a luz da dona Rivera é o cara que tem um projeto de lei numa sala agora mesmo sobre quem pode votar. O.

Mesmo. Cara. Ele nem se esconde, *coño*! Ele tem helicóptero, aparece no jornal, tem uma fundação de caridade. Esse é o *mashup* inteiro.

Tirou o baseado dos lábios e o apontou para a lente. — Por isso eles querem tudo separado. Porque separados a gente é um monte de clubinhos. Juntos a gente é um problema. Então não — você não vem me perguntar qual. Tudo. Todas as cores. Todos os quarteirões. Ou é tudo um levante ou é tudo um afogamento, baby, escolhe um lado—

Lucia ergueu o bloqueador a laser para o céu empoeirado e cada vez mais escuro. — E por falar nisso. Quanto a gente embolsa por derrubar um drone?

Gemini, sem se abalar. — Cinquenta dólares.

— Por falar nisso. Cinquenta dólares por drone. Cinquenta. Americanos. Por apontar uma lanterna pro céu. Alguém me explica a economia. Alguém — não, sério, essa é uma pergunta de verdade. Eles gastaram, o quê, uns vinte mil naquela coisa? E a resistência me paga cinquenta pra derrubar, e eu tô saindo no lucro? Isso é — alô? Esse é o sistema inteiro num drone só. É isso. Vocês acabaram de ver.

Atrás da barricada, um homem-sanduíche com um cartaz:

THE END IS NEAR

Ele berrou: — ARREPENDAM-SE!

Lucia nem se virou. — Baby, a gente sabe.

Lucia apertou o laser. — …né, gurls? Tem certeza. Cinquenta dinero pela entrega do drone no DoorDash.

Gemini passou o polegar no apito. — Mais uma dose de tequila.

Lucia contou nos dedos. — Três hoje à noite. Uma pro aluguel. Uma pra resistência. Uma pro glitter.

Lucia e Rachel riram, ecoando uma à outra. — Hoje a gente vai estourar um fusível.

Gemini soprou o apito — uma nota longa que cortou o barulho da multidão.

Colocaram as máscaras, feitas de viseiras de plástico, pano e fita adesiva. Pegaram os cartazes de protesto, pintados a spray com uma raiva alimentada por esperança, e entraram na briga — juntando-se a um pequeno grupo de protesto combinado de antemão para impedir o cerco policial.

Cada uma se movia com a maré de corpos, empurrando as barricadas, engolida pela onda, as vozes se erguendo. — A ÁGUA É VIDA! A ÁGUA É VIDA! A ÁGUA É VIDA!

Da boca de um beco próximo, uma senhora de boné de beisebol, agarrada a uma bengala, observava a multidão. Estava calada, imóvel e quase despercebida, mas seguia cada movimento de Gemini. Precisa. Olhou o relógio, as sirenes puxando o olhar dela para o alto conforme cresciam, um som envolvente cercando os manifestantes.

Então as vans chegaram.

Pretas. Sem identificação. Eficientes.

Policiais de choque jorraram das vans em camadas de armadura, os olhos escondidos atrás de viseiras espelhadas. Atrás deles, as máquinas cinzentas avançavam em uníssono. Robôs de choque de dois metros e

meio de altura, de cabeça cúbica, sobre rodas de tanque, avançavam com certeza mecânica, erguendo e arremessando corpos como festão de Natal.

— Dispersem e liberem as ruas! — a voz explodiu por um megafone.

A multidão manteve as posições.

Lucia mostrou os dentes. — Ah, nem fodendo, nem, nem, nem — puta merda de polícia, LÁ VÊM ELES!

O punho de Gemini subiu. — LEVANTE E RESISTA!

Rachel gritou: — VIVE LA RÉSISTANCE!

Os manifestantes explodiram.

Pedras voaram primeiro do flanco esquerdo, depois bombas de fumaça e rojões improvisados estouraram no ar como caixas de bateria. Dos telhados, esquadrões lançaram balões de borracha cheios de glitter pegajoso, que acertaram e cegaram as viseiras de vários policiais. Equipes no chão puxaram cabos de aço do pavimento, travando meia dúzia de robôs de choque e derrubando-os.

Rachel colou um adesivo vermelho vivo na perna de um robô próximo quando ele passou rolando. O adesivo dizia:

FASCISM – NOT EVEN ONCE

Os policiais de choque soltaram gás lacrimogêneo que rasgava as narinas, balas de borracha e jatos d'água.

Do alto, drones desceram zumbindo como gafanhotos.

Lucia avistou um, apontou a luz laser verde e mirou num drone batedor.

Zap.

A Valquíria faiscou, bugou e caiu girando em parafuso.

Lucia ergueu o punho pela vitória. — *Wepa!*

Gemini sorriu e inclinou a mão, como se virasse dose atrás de dose de tequila.

O trio avançou justo quando um batalhão de choque se lançou sobre elas. Um braço de metal disparou como um pistão rebelde, errando Rachel por um fio, mas acertando Gemini no ombro e disparando uma dor lancinante pelo lado do corpo. A cartola voou quando ela bateu no asfalto, e a máscara de gás rachou e foi arrancada do rosto.

Rolou de lado, tonta, piscando em meio à fumaça. — Rachel?! Lucia?!

Só grilos.

Só a correria de botas em pânico trovejando ao lado, a centímetros da orelha dela.

Varreu a multidão mais uma vez. *Nem sinal.*

Cambaleou até se levantar.

Apertou.

Empurrou.

Numa rua lateral, arrancou a máscara.

Ombro torcido.

Canela machucada.

Olho inchado.

A Captain Climate Change passou deslizando no skate, o equipamento de som preso ao ombro soltando *We've Got the Power de Sunny Luwe*. Cortou a fumaça baixa e rápida, os olhos já na carteira junto ao meio-fio — avaliou, recolheu, abriu num movimento e leu o nome lá dentro: Rachel Lamont.

A Captain varreu a multidão, de olhos apertados. Voltou de mãos vazias. Subiu numa caixa de correio e tirou uma luneta de latão do cinto. Girou para a esquerda e para a direita, depois franziu a testa. *Sem sorte.*

Com um xingamento e um chute, saltou da caixa de correio para o skate e disparou pela rua.

Gemini avistou a conhecida Captain e foi mancando atrás dela, dobrando a esquina onde o ar parecia mais leve, mas ainda deformado pelo calor, pela poeira e pela fumaça do protesto. Passou cambaleando pela senhora, que agora estava na beira do beco — boné de beisebol, bengala na mão.

Na esquina, um Papai Noel do Exército da Salvação tocava o sino — dobrando por ninguém em particular, e talvez até por si mesmo.

A mulher carregava uma caixa de laranjas, encostou a bengala na van de motor ligado e abriu a porta lateral. Ao dar um passo à frente, tropeçou, derramando as laranjas no chão e na sarjeta.

Gemini viu a mulher no meio do tropeço, as laranjas se espalhando. — Deixa eu ajudar a senhora com isso.

A mulher aceitou, e Gemini se ajoelhou para juntar as frutas caídas. A mulher apontou para uma laranja que tinha rolado para dentro da van.

Gemini a dispensou com um gesto. — Eu pego.

Quando Gemini se inclinou além da soleira para pegar a laranja, uma mão coberta por um pano se fechou sobre a boca dela. Seus olhos se arregalaram. Ela se debateu e deu cotoveladas, sacudindo os dentes quando o maxilar se fechou de estalo, mas o braço machucado cedeu. Chutou na direção da mulher quando o cheiro de produto químico chegou, forte e errado.

Doce.

Sintético.

Errado.

Contorceu-se e procurou às cegas pelo apito — o cordão de prata tinha cedido, o apito de osso jazia solto no asfalto, fora de alcance. Os sinos zuniram nos ouvidos dela e a visão se estreitou. A última coisa que viu foi o rosto borrado da mulher. A última coisa que ouviu foi a batida de uma porta.

A meio quarteirão dali, a Captain parou o skate derrapando. Varreu a rua com a luneta e viu a van branca se afastando — rápido demais, discreta demais. *Tem coisa errada.* Cerrou o maxilar, guardou a luneta e enfiou no bolso o documento de Rachel.

O Papai Noel do Exército da Salvação tocava o sino, alheio. O gorro vermelho pendia mole, que nem a camiseta ensopada de suor.

Papéis rasgados rodopiavam no ar: avisos de pessoas desaparecidas, cartazes de procurados, projetos de lei de ação climática e panfletos de bazar. Num poste, um adesivo se soltou e balançou:

FIGHT FOR WHAT YOU LOVE

Na aurora de uma revolução crescente, em meio à ilusão de um progresso fino como um pixel e à correria natalina, o repicar decidido do sino sumiu dos tímpanos de Gemini. A van e ela desapareceram, como poeira que, era uma vez, teria sido flocos de neve em queda.

Os desaparecidos

O conjunto de apartamentos de Rachel repousava na névoa do fim de tarde, as paredes de estuque rachadas por anos de calor, a tinta descascando e enrugando como pele seca da Flórida. Um álamo murcho se inclinava sobre o telhado como se ele também tivesse desistido. Um corvo solitário saltitava pela linha do telhado, à caça de um inseto ou de uma migalha qualquer.

Dentro do apartamento dela, no segundo andar, uma luz fraca vazava pelas persianas fechadas. As mudas de alface na jardineira da janela tinham amarelado sem que ela notasse. O cheiro de incenso Nag Champa impregnava o ar — disfarçando algo mais agudo. Nervos, talvez.

Rachel andava de um lado para o outro pela sala, apertando o celular com os nós dos dedos brancos durante uma chamada de vídeo com Nick Durrell, seu namorado que morava com ela, num termina-volta-termina que agora tinha virado um terminou-de-novo-de-novo.

Nick, o charme de menino arruinado por chances demais que deram errado, o skate sustentando-o como uma muleta, tentava acalmá-la. — Não se estressa. A Moon se vira.

Ela tentou ouvir.

Ele tirou o moletom por cima do corpo magro e nervoso. — A gente colou cartaz no bairro inteiro, espalhou o rosto da Gem em todas as nossas redes. Quer dizer, a Gem tem a pele azul — não é cirurgia de foguete notar.

— Ciência. É "ciência de foguete", Nick.

— Essa também.

Um "Obrigada" suave e automático — e então ela desligou e foi para a cozinha. Parou na porta, tensa, os dedos tamborilando no batente.

Lucia estava junto ao armário da cozinha, de braços cruzados, um calcanhar batendo no móvel.

Rachel imitou a postura de Lucia e explodiu. — Onde diabos tá a Gemini? E dar queixa do desaparecimento? Um B.O.?

Lucia se aproximou, usando uma camiseta Riots Not Diets, óculos escuros empurrados para o cabelo e as bordas do delineador da noite anterior ainda grudadas nos cantos dos olhos. — Polícia? Nem a pau. A gente não convida eles pra vida da Gem. Nunca.

Rachel voltou a andar.

O calor subiu por baixo da pele.

A voz dela falhou. — Lucia… a Gemini sempre cuidou da gente. Lembra daquela vez que você literalmente *ghosteou* a gente depois da cirurgia e a gente achou que tinha batido as botas? Quando a Gemini foi a única que não surtou com a sua demora? — Parou. — A Gemini te encontrou. Você estava numa farra no Bronx com o seu novo amigo, o Pablo.

Lucia fez um muxoxo. — É diferente e você sabe. — Lucia se desencostou do armário. — Bater as botas. Essa é a palavra? Bater as botas.

— Você tinha sumido

— Eu tava em Soundview

— Por nove semanas

— Seis.

— Com um homem chamado Pablo que eu nunca vi, que ninguém nunca viu, que talvez nem exista

— O Pablo existe.

— Prova.

— Ele tem um primo.

— Todo mundo tem um — Lucia. Você tem onze perfis de namoro.

— Nove.

— Nove?

— Nove. Dois tão arquivados. E um deles é de agricultores.

— Por que você—

— Eu gosto de homem que planta alguma coisa. Agora isso é crime?

— Você mora num deserto de poeira.

— E ELE TAMBÉM. Essa é a tragédia, gurl. É isso que une a gente.

— Você precisa de um contador. Você precisa de uma equipe. Você precisa de um homem com uma prancheta falando "senhora. Senhora. A senhora já *ghosteou* ele — em março."

Rachel parou de andar.

Lucia jogou o cabelo. — Ah, eu *ghosteio.*

— Não.

— Eu sou o fantasma. Tá. O Nick. Rodada seis. Ou foi dezesseis?

— Não é a mesma coisa

— E aquela vez que ninguém teve notícia sua por dez dias? — O calcanhar de Lucia parou. — Dez dias, Rachel. Eu na sua porta. Batendo. Batendo que nem o FBI.

— A gente tava ficando sério

— Você nem sabia o sobrenome dele.

— Eu sabia o sobrenome dele.

— Qual era.

— …começava com K.

— Começava com K.

— Era um K forte

— VOCÊ NAMOROU UMA INICIAL. Dez dias! Trancada a sete chaves! Com uma inicial!

— Kova… Kow… era europeu

— AH, AGORA É UM CONTINENTE.

O sorriso de Lucia se desfez. — E tem uma pilha de caixas lá fora na altura do meu quadril. Juntando teia de aranha. Algum bot tá deixando elas lá a semana inteira e ninguém mexe. E eu lá fora falando "Rachel? Rachel. Eu escuto o ar-condicionado, mami. Eu escutava o ar-condicionado."

Os dedos de Rachel ficaram imóveis no batente. — Você ficou escutando na minha porta?

— Você nunca usa o ar-condicionado.

— …tava calor.

— Ma. Tenho certeza que tava.

— …*Merde*.

— Você me mandou um joinha. Dia oito. Eu perguntei se você tava viva e você me mandou um joinha.

— Eu tava viva.

— Gurl.

— Pelo menos eu não fui a lugar nenhum.

— *My guy*. ISSO É PIOR. Pelo menos eu subo numa scooter. Pelo menos me custa gasolina. Você só — persiana fechada, trinco passado, ar-condicionado no máximo. Todo mundo nessa cidade precisa de um passe de viagem, mami. Você só precisa de uma tranca.

O ventilador de teto estalou.

Rachel olhou para cima. — Essa foi boa.

— Eu sei.

— Você tava guardando essa.

— Um pouquinho.

Lucia acenou com a mão. — Beleza, beleza. Só denúncia anônima. Esse é o trato. E eu não preciso da Gem entrando pela janela, toda brava comigo.

Rachel suavizou, tocando o cotovelo de Lucia. — Me liga se souber de alguma coisa?

A voz de Lucia amoleceu. — Você também, babaloo.

Elas se abraçaram brevemente, agarradas uma à outra. Então Lucia foi até a porta, abriu, saiu para o corredor e desapareceu escada abaixo — os ombros curvados.

Rachel passou a tranca dupla na porta, espiou pelo olho mágico e esperou até os passos sumirem. A última publicação de Gemini nas redes apareceu na tela — uma das que ela tinha arquivado antes de a plataforma expurgar conteúdo político não autorizado.

Merde.

Prendeu a respiração contra o silêncio pesado — o ventilador de teto estalando como um metrônomo lá em cima. O cômodo foi tomando forma ao redor dela: o tapete de yoga estendido no chão, o equipamento de câmera na estante, o canto das transmissões ao vivo atrás da cortina, o mapa da cidade pendurado na parede da cozinha com lugares circulados em caneta hidrográfica roxa.

Interrogou o cômodo em busca de algo que a distraísse.

Pegou o controle remoto da TV e ligou. Um filme de terror granulado e legendado ganhou vida — a franquia *Black Santa Slasher*, de Sapporo, em que um Grinch de rosto verde e sorriso de kabuki caçava cantores de Natal numa floresta congelada.

Rachel deixou rolar, recuperou o fôlego e então baixou o volume.

Um saco de pancada pesado balançava do teto, pegando a corrente de ar.

Tirou os anéis.

Estalou os dedos.

Socou o saco.

Uma vez.

Duas.

O *tum-tum* — em espiral, sem ter para onde ir. Ela socou de novo, e o saco balançou de volta como se a esquivasse de propósito. O suor brotou na têmpora enquanto ela continuava a socar:

Pela amiga desaparecida.

Pela vida pessoal desmoronando.

Pelos destroços de tudo.

Socou em direção àquele lugar esquivo.

Lugar nenhum, anestesiante.

* * *

A quilômetros dali, num apartamento atulhado de gráficos climáticos e fantasias de cosplay, a Captain Climate Change debruçava-se sobre a tela do computador.

Os artefatos do alter ego dela estavam espalhados atrás como morcegos adormecidos: uma capa verde fosforescente pendia da porta do armário, calças azuis manchadas de óleo largadas numa cadeira, botas táticas surradas, um protetor facial rachado e luvas com painéis solares costurados nas costas — tudo espalhado pelo chão.

O figurino dela parecia menos cosplay e mais o uniforme de alguém pronto para partir pra cima do apocalipse.

As paredes e as estantes eram uma barafunda de contradições: pôsteres de anime e cartazes de protesto escritos à mão, miniaturas de samurai ao lado de uma pilha de manuais de sobrevivência ao fim do mundo, gorros de bicho de pelúcia e uma pipa infantil presa acima de uma parede de recortes de conspiração, e um mapa da mudança climática eriçado de marcadores verdes — a Califórnia uma cicatriz de queimadura, a Flórida meio afogada em tinta azul-oceano.

O zumbido do ventilador do computador era abafado pelo ar-condicionado distante da janela. O que restava era o *tec-tec-tec* lento das teclas. O brilho verde do monitor se acumulava nas unhas azuis lascadas dela.

Ela estava curvada para a frente, bisbilhotando os feeds de Rachel Lamont nas redes, que se abriam como um bufê: republicações recentes, stories bem produzidos e fotos de protestos, amigos, viagens, vida na cidade e thirst traps. A carteira de Rachel estava aberta ao lado do teclado, o documento virado para cima.

Continuou rolando a tela.

* * *

Lucia ia para casa; em vez de ir direto, escolheu passar pelos pontos conhecidos onde achava que Gem poderia estar. Costurou a scooter pelas ruas — elas lembravam o lar que ela conhecia. O calor cheirava a South Bronx — pernil e escapamento, cumbia vinda de uma janela do terceiro andar. *Si Veo a Tu Mamá de Bad Bunny* flutuava do alto-falante de alguém dois andares acima e a seguiu rua abaixo como uma lembrança que ela não tinha terminado nem largado.

Adentrando a cidade empoeirada, Lucia remoía o vão entre precisar encontrar Gemini e se recusar a chamar a polícia. Fazia muito tempo, elas tinham feito um pacto de irmãs de sangue do Bronx: não importava a merda que rolasse, nunca ligariam pro 911. Juraram nunca colaborar com os *opps* — *la migra*, os policiais, os federais, *los hijos de putas* de todos os níveis.

Percorreu as bordas da cidade, envolta num verniz de boas-festas. Luzes de Natal piscavam sobre lojas de portas arriadas, e a poeira prendia um boneco de neve holográfico dançando numa gargalhada sem fim — como se tivesse acabado de fugir mais cedo de uma festa de fim de ano do escritório.

Anúncios de neon de crianças de aparência alegre rodavam em silêncio.

Outdoors de vendedores de carros elétricos usados empurravam suas mercadorias.

Férias de fim de ano geradas por IA prometiam felicidade.

Uma liquidação de empregadas robóticas com 50% de desconto trazia a legenda:

NEVER CLEAN AGAIN

Em algum lugar lá fora, atrás dos enfeites da cidade embrulhada para presente, Gemini Moon continuava perdida numa cidade que não parava, do jeito que as cidades fazem — luminosa, sem limites e totalmente indiferente.

A cabana

Alaska zigzagueou para o norte por estradas rurais sinuosas, evitando as passagens oficiais fechadas para o Canadá. Conhecia os caminhos de terra que cortavam uma das poucas Nações Indígenas que se estendiam pela fronteira — terra soberana que o regime não conseguia violar por completo.

Ainda não.

Pagava a passagem em tabaco e dinheiro aos guias de travessia que se lembravam da mãe dela, e acelerava por estradas de terra que conhecia de cor e, quando preciso, à luz das estrelas.

Alaska conduzia a moto pela estrada rural da reta final, as caixas de som tocando *Águila y Cóndor de Artur Mena* — uma profecia Q'ero dos Andes peruanos sobre o tempo emergente de paz e prosperidade pros povos das Américas. Cortou a paz num rastro de couro e metal e então dobrou numa estrada de terra familiar. No fim da trilha, entrou num vale. O prado se abria pra um lago que espelhava o céu como um lugar fino. Flores silvestres balançavam à beira da água. Parou na entrada de uma cabana que se erguia como uma velha amiga: gasta, rústica e confiável — o tipo de lugar que chamava os nervos dela de volta de onde quer que a estrada os tivesse levado. Estacionou, baixou o descanso, soltou a presilha do capacete e puxou um fôlego longo e fundo da raiz do coração e da própria terra.

E entrou.

Uma lareira, uma TV de tela plana, um baú de madeira e um sofá puído ancoravam a sala. Prateleiras avulsas estavam atulhadas de equipamentos, lembranças, remédios naturais e o velho guia de plantas da floresta da mãe dela, com um pequeno pote de própolis ao lado. O ar familiar trazia o cheiro de cedro e sálvia, e o cheiro persistente de lenha queimada se assentava nas paredes desgastadas.

Largou a bolsa de sela e pendurou o laço num suporte de parede cheio de outras cordas, cada uma com nós elaborados, gastas pelo uso. A jaqueta saiu em seguida, revelando uma camiseta desbotada de Buffalo Calf Road Woman. A imagem brilhava no peito dela em desafio estampado, homenageando a mulher Cheyenne do Norte que, segundo a lenda, derrubou o general Custer em Greasy Grass — Little Bighorn. Alaska entendia de búfalos, bezerros, estradas, mulheres — e de ser a última resistência de outra pessoa.

Alaska afixou uma pilha de cartazes de Mais Procurados na parede da entrada, ao lado de trabalhos de recompensa mais antigos, já calculando as chances. A mesma parede guardava as fotos de cena de crime e as manchetes de jornal recortadas e amareladas — um crime que ela preferia ignorar, mas mantinha ali mesmo assim.

Circulou pela cabana, tirou teias velhas dos cantos e varreu o piso de madeira. Na cozinha, uma aranha tinha começado uma teia no canto da janela, alguns fios prateados presos ao batente. A mão dela subiu por hábito — e parou. Deixou ficar.

Acendeu um maço seco de sálvia. A fumaça atravessou a sala e saiu pela janela aberta, onde o riso de uma criança, fraco e distante, dançava pelo prado. A janela a chamou — ela apertou os olhos pela fresta das venezianas:

∿·○○·◯

Uma menininha corria descalça pelo capim alto, o vestido amarelo de verão esvoaçando atrás. A Alaska de sete anos ria e girava em círculos. Uma pena pendia da orelha esquerda, as duas bochechas estufadas de frutinhas como as de um esquilo, e os dedos roçavam as flores silvestres. A alegria dela tremulava como o filme de um vídeo caseiro. Depois esmaeceu e se dissolveu.

○·∿○·◯

∿·○

○

Alaska se demorou à janela, o eco do próprio riso pequeno ainda suspenso no ar do prado. Deixou-se sorrir e então atravessou até a porta. — Abacus, abre as venezianas.

Bip. Abacus, o assistente de computador caseiro, ligou, e as venezianas se dobraram abertas. A luz inundou a cabana.

Tirou as botas e as meias, os pés descalços encontrando as tábuas. — Abacus, toca *Save It For Later de Eddie Vedder*. A música rolou pelas caixas de som externas da cabana enquanto ela pisava no prado, a grama fresca tocando os dedos dos pés.

Vagou pelo prado, achou o canteiro de frutinhas — ainda pesado de frutos, ainda zumbindo de abelhas — e parou antes de estender a mão. Ofereceu uma pequena quantidade de tabaco da bolsinha, colheu um punhado e comeu — ainda azedas e doces.

Lambeu os dedos, colheu mais algumas frutinhas e então contemplou a floresta profunda por mais tempo que de costume. Um lugar em que não entrava desde a infância, e só então, guiada pela mão gentil da mãe.

No extremo do prado, três colmeias desgastadas se alinhavam, inclinadas uma para a outra, como fazem as coisas velhas.

A mãe, Taino, tinha dado nome a elas a partir de uma história de três ursas. Otamiw, a Zunidora, Kihtimikan, a Dorminhoca, e Kîskwêkan, a Maluca — que viviam na floresta e não concordavam em nada. Zunidora sempre juntando. Dorminhoca sempre dormindo. Maluca sempre começando alguma coisa.

Aproximou-se e limpou as teias primeiro. Um passe cuidadoso da mão por cada entrada — as mesmas aranhas, os mesmos pontos, toda vez.

Dorminhoca tinha uma teia grossa cobrindo a entrada inteira. — Claro que tem. — Limpou.

Pressionou a palma contra a lateral da Zunidora — quente, vibrando. Checou a entrada. Limpa. — Boa menina.

A entrada da Maluca estava livre, mas uma única abelha zumbiu no ouvido dela ao se aproximar. Ela nem piscou. — Tá, tá.

Ficou um instante a mais do que precisava e então voltou para a cabana. — Abacus, acende a árvore.

A modesta árvore de Natal do canto se acendeu — os enfeites refletindo a luz como estrelas aprisionadas.

Reacendeu a sálvia e conduziu a fumaça sobre um pequeno altar de fotografias de família. A imagem no centro mostrava a mãe, Taino "Nimâmâ" Rainmaker, de olhos de alma antiga e três linhas tatuadas se estendendo do canto de cada olho — marcas Cree da linhagem e da história dela.

Em outra parede pendia uma pintura da avó, Halona "Kookum" Rainmaker, com uma vida inteira de histórias e tempestades às costas. As tranças grisalhas desciam como linhas de rio, e cinco tatuagens verticais corriam do lábio inferior ao queixo — marcas Cree de suas iniciações, sua medicina e seus ancestrais.

Ao lado da pintura estava uma velha foto em preto e branco do avô, ampliada por Taino para igualar o tamanho e a estatura da avó. Achahkos, ou Archie "Mooshum" Rainmaker, parecia jovem, talvez vinte e cinco anos, nítido e vincado no boné militar e na camisa passada.

Ela não conseguia lembrar em qual guerra ele lutou e da qual nunca voltou. Os nomes eram todos iguais para ela — talvez a Coreia, talvez o Vietnã, talvez o bisavô em uma daquelas Guerras Mundiais.

De qualquer forma, ela nunca conseguia assimilar de todo que o mooshum parecia mais novo do que ela na foto — às vezes pensava nele como seu irmão mais novo. Muitas vezes imaginava entrar em batalha com Archie para protegê-lo, no banco do carona, lutando ao lado dele — laço numa mão e uma metralhadora *rá-tá-tá-tá* na outra.

O retrato da avó a puxou mais para perto. Arquivou — *visitar Kookum.* Defumou os avós com a fumaça. O cotovelo esbarrou num livro encadernado em couro enfiado embaixo deles na estante transbordante. Ele balançou e caiu no chão. Ela se abaixou para pegar o livro bem manuseado:

TRADIÇÕES DA TERRA

Alaska nunca tivera um motivo especial para olhá-lo antes, mas dessa vez o abriu. Na folha de guarda havia um bilhete simples, escrito à mão: "Para Taino." Folheou o sumário e passou as páginas — capítulos de várias tradições baseadas na Terra.

Para ela, esses ensinamentos pareciam parte de um mundo diferente, muito maior — ou talvez do passado distante. Quando precisava pesquisar, era psicologia criminal, estratégias de caça de recompensas, mecânica de motos, técnicas de jogo ou invasão de computadores — palavras que de fato pagavam para o mundo dela existir. *Aluguel.*

Além disso, ela era mais de folhear do que de ler. Ler não era um de seus superpoderes, embora fosse uma de suas paixões, e as palavras escritas não combinavam bem com a tradição oral da linhagem dela. Alaska era do tipo físico, tátil, experiencial, visual, intuitivo, sonhador e *sai-fora-pra-caralho*.

Folheou mais um pouco e parou em ensinamentos da própria herança Cree.

Alaska não entendia por inteiro as suas raízes. Conhecia pedaços, escolhia a dedo o que fazia sentido. Mesmo assim, sentia-se Cree antes de tudo — porque era isso que a mãe e o avô eram, o que a avó é, e o que a terra sob os pés dela era e é. Às vezes ia aos powwows com a intenção de dançar, mas a ansiedade por causa da mãe disparava e ela costumava sair cedo.

Do outro lado, o pai era americano, a família dele vinha de *Wales*, ele dizia — o que a tornava parte disso também. Se alguém chegava perto demais ou escavava o passado dela, costumava dizer: — *I'm an ocean whale.* Isso geralmente fazia qualquer estranho ou *opp* olhar para ela como se estivesse meio louca e recuar na hora, o que a fazia pensar que o povo *whale* dela não podia ser tão ruim assim. Ela ficaria com eles, e talvez até gostasse de conhecê-los algum dia — de longe.

Não era nada pessoal. Preferia passar o tempo sozinha. Não solitária — só sozinha. Melhor observar os humanos à distância de um braço — a menos que estivesse laçando os coitados pela recompensa cintilante.

Alaska estava prestes a guardar o livro quando folheou e viu um desenho a carvão de um urso, com uma legenda embaixo que dizia:

MASKWA — MEDICINA DO URSO

Maskwa, o urso, tem um significado profundo na espiritualidade Cree como um poderoso espírito curador e mestre das medicinas de plantas. Os praticantes da medicina do urso costumam ser especialistas em medicinas de raiz e acreditam que os ursos ensinam os humanos por meio de sonhos e visões.

Alaska sempre gostou de ursos. Os que apareciam no prado. O ursinho de pelúcia da infância. As aventuras de *Ursinho Pooh*.

A mãe tinha uma história de urso para cada ocasião. A favorita de Alaska era a do urso que comeu tanto mel num verão que ficou com uma caganeira e saiu disparado, se debatendo e peidando pela floresta. Saíram todas as abelhas — ainda zumbindo, furiosas e grudentas. As abelhas voaram direto para o céu e ficaram presas lá, e foi assim que as estrelas foram feitas. E quando você vê uma estrela cadente, é só uma abelha voltando para polinizar as flores.

— É verdade? — Alaska perguntava.

A mãe dava de ombros. — Tão verdade quanto o brilho dos seus olhos.

— E aí o que aconteceu? — Alaska sempre se lembrava de perguntar.

A mãe dizia, todas as vezes, sem falta: — O urso olhou para o céu e ficou muito, muito envergonhado.

E as duas caíam no chão de tanto rir.

O riso foi sumindo devagar, como somem os de verdade. Alaska fechou o livro e o pôs na mesinha de centro baixa. Levantou, se espreguiçou e vagou pela sala sem muito propósito — ajeitou uma almofada, empurrou uma vela de volta ao pires, passou o polegar na cornija e limpou uma película de poeira que não estava de fato ali. Os olhos dela se prenderam no desenho de giz de cera colado na lateral da estante: baleias num azul trêmulo e as palavras *Wales. The whale people.*

Os pés a levaram até a parede da entrada. Ficou diante das fotos de cena de crime por mais tempo do que costumava se permitir. Esticou a mão, tocou o canto enrolado de uma delas. Folheou as manchetes de jornal recortadas — amareladas, quebradiças nas dobras. Não leu. Os olhos pularam das manchetes para os rostos, pararam, seguiram adiante.

A mão tremeu ao devolver o último recorte ao lugar. Foi até a janela, procurando a menina no capim, o riso. Só o vento se movia no prado.

Enfiou a mão na bolsinha do cinto atrás do frasco âmbar.

Vazio.

Disparou para o banheiro — armário de remédios escancarado.

Nada.

Depois para a cozinha, revirando gavetas, empurrando potes e caixas.

Nada.

A visão embaçou enquanto as pernas cediam. Agarrou uma velha colher de pau, caiu com força no chão, enfiou-a entre os dentes e travou a mandíbula.

A convulsão veio, o corpo arqueando enquanto saliva espumosa escorria do canto da boca. Os olhos reviraram para a escuridão enquanto a consciência interior flutuava para fora e observava o prado zumbindo com cantos de grilos no capim alto, macios como penas. Abelhas mergulhavam no néctar doce das flores silvestres e na bênção distante e sonhadora do riacho cristalino além das árvores.

De cima, ela observava:

○·◯ ○·◯

A versão de sete anos dela estava escondida atrás de um arbusto baixo de frutinhas, os pés descalços manchados de vermelho de frutas esmagadas e terra fértil. As bochechas estavam lambuzadas do mesmo carmesim profundo, como tinta de dedo aplicada espontaneamente ou por acidente. Ela lambeu os dedos, saboreando a última explosão suculenta de azedo-doce.

Sol.

Açúcar.

Êxtase.

Uma sombra bloqueou a luz do sol.

Alaska espiou para cima, medindo a sombra repentina.

A mãe, Taino, estava de pé sobre ela, o cabelo em tranças, imóvel e quieta como uma aurora prestes a romper. — Ah, aí está você, Alaska — sussurrou em Cree.

Alaska se endireitou de um salto, os dedos grudentos agarrando o cesto vazio de frutinhas enquanto o escondia atrás das costas. A boca se torceu de culpa, contradizendo os olhos, que fingiam inocência. Limpou o rosto com a barra do vestido, mas o vermelho só se espalhou, largo, feito boca de palhaço.

Taino se agachou, estudando-a. — Vejo que você andou colhendo frutinhas para nós de novo.

Alaska balançou a cabeça. — Não, mamãe. Eu não achei nenhuma.

Uma sobrancelha. De Taino. — Estou vendo. Devem ter acabado todas. — A voz dela baixou, gentil mas pesada de saber. — Eu me pergunto o que vai acontecer quando não houver mais frutinhas.

— Os ursos vão passar fome?

— Vão. Nossos Ancestrais Maskwa. — Taino inclinou a cabeça. — E?

Alaska se mexeu, inquieta. — E as raposas vão ficar com a barriguinha vazia. E os passarinhos vão parar de cantar, mamãe.

Como se convocado, um par de raposas saiu do capim. Caricatas, porém vivas, de pelo lustroso e olhos âmbar. Um pássaro azul mergulhou e pousou numa haste próxima, e o prado se abriu como um livro de histórias animado, colorido em tinta acrílica densa.

As raposas disseram pela Taino. — O que vai acontecer com a gente se só pegarmos, pegarmos, pegarmos e não devolvermos nada?

Alaska mordeu o lábio. — O Wetiko vai vir?

As raposas assentiram, e o pássaro azul inclinou a cabeça e piscou para ela.

— E a Mãe Terra? — perguntou Taino.

Alaska se virou para a mãe. — Ela vai ficar doente e triste.

Taino sorriu, com algo mais antigo por trás. — Isso mesmo. É por isso que cuidamos uns dos outros e de todas as nossas relações.

Taino estendeu a mão e ergueu Alaska com o cesto vazio, e elas caminharam de mãos dadas pelo capim na altura da cintura.

No pescoço de Taino, um pingente de contas, e no centro um urso dançava entre constelações.

Quando Alaska olhou de lado, o urso piscou para ela.

— Mamãe — perguntou —, você já viu um Wetiko de verdade, vivo?

O sol escureceu, e nuvens rondaram como carcajus quando Taino se inclinou, a voz baixa e marota. — Ah, já — disse. — Tem olhos pretos e mortos e uma pele pálida e doentia, com garras afiadas o bastante para esfolar e possuir o espírito dos seus ossos. Mal consegue respirar e arfa sem parar por ar. O peito é uma gaiola oca, porque não importa o quanto coma, está sempre faminto. Tão faminto que vai mastigar o próprio lábio e comer a si mesmo, mesmo depois de comer você.

Torceu o rosto, mostrou os dentes, avançou de brincadeira e rosnou com gosto. — Grrrau!

Alaska gritou de alegria e correu para a cabana.

Taino correu atrás dela, rosnando como uma fera caricata e possuída.

Taino e Alaska pararam de repente ao ver corvos explodindo da floresta, grasnando em alerta.

As árvores, antes serenas, agora se retorciam em silhuetas, arranhando o céu.

Perto da orla de uma floresta, no extremo oposto do prado. Um urso de verdade apareceu. Enorme. Silencioso. As orelhas tremeram enquanto se virava para encarar o mato, e então se ergueu nas patas traseiras.

Grrrrr.

Um rosnado feroz, e então disparou, atravessando a linha das árvores a toda.

A floresta explodiu em sons de uma batalha territorial: carne contra carne, garras contra couro, e galhos estalando e despencando com estrondo.

O gemido e o rugido rosnado do urso as detiveram as duas.

— Mamãe — Alaska ofegou, encarando a linha das árvores —, Urso está em apuros.

Hesitou antes de dar um passo em direção à floresta, a mãozinha estendida, mas Taino agarrou o braço dela. — Para dentro — ordenou, fria e feroz. — Rápido.

○·◯ ○·◯○·∿

Ainda no chão da cabana, Alaska acordou num solavanco quando o espírito se chocou de volta ao corpo adulto. As mãos tremiam como se a eletricidade não tivesse ido embora por completo. O peito subiu com força sob a camisa ensopada de suor. O fôlego voltou a rasgar os pulmões como um estalo de chicote. Os olhos se abriram de repente, selvagens e desorientados. A língua parecia palha de aço, o cérebro uma tempestade de sinais embaralhados.

A colher de pau caiu da boca com um estalo quando ela a arrancou e a largou no chão. Fios de saliva escorriam da bochecha, que ela limpou com as costas da mão trêmula. A cabana parecia distante, como se tivesse recuado para lhe dar espaço para voltar de onde quer que tivesse ido.

Ergueu-se, achou o pequeno pote na prateleira mais pelo tato do que pela visão. Própolis. As abelhas faziam. Desrosqueou. Pegou um pouco no dedo, trabalhou-o sob a língua. Esperou. A mente clareou e os nervos se acalmaram.

Foi à deriva até a janela de novo. O prado permanecia imóvel onde ela o deixara. A memória era esparsa, vindo em lampejos inconsistentes do que tinha acontecido naquele dia de infância:

As frutinhas.

O vestido.

O cesto.

Os pássaros.

A mãe.

A floresta.

O urso.

Olhou ao redor da cabana para ver se conseguia fazer algum sentido daquilo. Fios, fios de história — uma história.

Atravessou até o baú de madeira no canto junto à janela. Os dedos roçaram a tampa entalhada antes de levantá-la, soltando o cheiro de cedro e de tempo. Embrulhada numa manta de lã desbotada havia uma pele de urso. Tocou o focinho, traçou o pelo entre os olhos de vidro e passou a palma pela espinha da pele com reverência. O polegar encontrou o indicador, esfregou uma vez, e ela ficou imóvel. A família tinha dito havia muito tempo que a pele de urso vinha da caçada de um ancestral — um urso tomado em cerimônia, não em conquista.

Ao fechar a tampa e os olhos, Alaska não conseguia lembrar direito se o que a família lhe contou era verdade ou se alguma coisa ainda era verdade.

Tradições da Terra estava na mesinha de centro onde ela o deixara. Abriu no sumário e correu o dedo pela página: O Wetiko — pp. 41–50.

Virou até lá.

Sumiu.

Alguém tinha arrancado o capítulo. Rasgado rente à lombada. Só restava uma página — um velho desenho a carvão de um Wetiko: todo sombra e osso, um rosto pálido com a caixa torácica escancarada, olhos negros vazios e sem fim.

Fechou o livro e o jogou na mesinha de centro. Os olhos percorreram a cabana: o altar, o baú, o suporte do laço. Pousaram no frasco âmbar ao lado da colher. Chutou-o pelo chão. Ele chacoalhou até parar embaixo da janela. Ao longe, a poeira se erguia da estrada.

Quer saber o que acontece depois?

Disponível em inglês, francês, espanhol e português

📱 Ebook	–	US$ 6,99 (Amazon)
📖 Capa comum	–	US$ 16,99 (Amazon)
📱 Ebook (Compra direta)	–	US$ 4,99 (divergencies.com)

Visa · Mastercard · Amex · PayPal · Stripe

O Contador de Histórias

Johnny Cole trabalha na interseção entre criatividade, medicina narrativa, culturas do mundo e bem-estar planetário.

Sua ligação com o contar histórias atravessa séculos — um avô, oito gerações atrás, na Islândia, era um *Sögumaður*, guardião de sagas, de memória e de história. Cole leva essa linhagem adiante como roteirista premiado, cineasta, ator (SAG-AFTRA e ACTRA), poeta, dançarino e dramaturgo, com mais de trinta anos na indústria do entretenimento.

Ao lado do ofício correm quatro décadas de trabalho integrando modalidades de cura das tradições oriental, ocidental e indígena. Ele é iniciado Kuychi (Serpente Arco-íris), professor de yoga certificado, praticante de Reiki e guardião da Terra — uma vida construída a partir da ascendência de um artista, islandesa, irlandesa, canadense e americana.

Seu romance de estreia, Maskwa, é a culminação desses mundos: uma narrativa de crime visceral, fundida com romance, ficção climática, estética cyberpunk e o poder duradouro da memória ancestral.

Ele chama as Américas de lar.

divergencies.com

Copyright © 2026 por Johnny Cole

Library of Congress TXu-2-523-729

Todos os direitos reservados.